

O PROVÉRPIO COMO DISCURSO DE DOMINAÇÃO

Maria Lucia Mexias-Simon (CiFEFiL)

mmexiassimon@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho visa a descrever as frases feitas na língua portuguesa, assim como demonstrar como os povos as utilizam na descrição e controle do seu universo. Sendo a língua dinâmica e mutante, os provérbios permanecem em sua forma arcaizada que lhes dá o aval da tradição. Encontram-se semelhanças fônicas, morfossintáticas e lexicais entre as *frases feitas* em diversas línguas. São os provérbios, ainda, semelhantes quanto à preferência por determinadas esferas semânticas e quanto a seu emprego na manutenção do estabelecido. Destinam-se a reforçar papéis pré-determinados, devendo ser aceitos tal como são, sem questionamentos, pois a fórmula por eles apresentada seria a “melhor” para todos.

Palavras-chave:

Provérbios. Discurso de dominação. Frases feitas.

1. Introdução

Os chamados ditos populares vivem em quase todas as línguas naturais. Isso pode ser comprovado pela existência de inúmeras de suas coletâneas, em distantes idiomas, no tempo e no espaço. Alguns povos são notoriamente mais produtivos nesse setor, como por exemplo, os chineses. Os filólogos encontram na fraseologia popular elementos de estudo. Em forma concisa, de sonoridade agradável, ela guarda sobrevivências históricas, idiomáticas e sociais. Permite-nos acompanhar a história da humanidade e de cada povo. O conjunto de provérbios e ditados em dados tempo e lugar constitui um sistema de significação fechado com estatuto formal autônomo que leva a postular, por hipótese, a existência de um domínio semântico independente. O seu estudo explicaria alguns problemas de estilística e contribuiria para o estudo do simbolismo coletivo: mitos, sonhos, folclore.

São as “maneiras de falar” uma expressão constituída pela união de várias palavras, formando uma unidade sintática e lexicológica. (GUIRAUD, 1962, p. 05)

Distinguem-se das locuções prepositivas e conjuntivas; formando torneios idiomatológicos; estão à margem do uso normal da língua por suas características de forma e de som, pelo afastamento das normas lexicais e

gramaticais e por seus valores metafóricos particulares, como se verá no decorrer do presente artigo.

São signos arbitrários, porque a imagem que está na sua origem tende a se obscurecer, como de resto, em todos os signos linguísticos.

Na tentativa de análise da motivação inicial, a locução é rebelde, na maioria dos casos, a qualquer estudo histórico. A língua é sem dúvida o espelho do povo, mas se formos procurar atrás de cada palavra uma causa externa e material pode-se acabar por falsear os fatos. A língua é um produto da história, do meio, as causas históricas de origem dos fatos linguísticos são numerosas, porém, uma minoria de fatos, baseados na forma própria, da língua, são os mais característicos e, portanto, os mais interessantes do ponto de vista linguístico. Isso se ajusta às locuções estereotipadas. É, por conseguinte, difícil e perigoso procurar saber a etimologia das frases que retemos de memória e aplicamos em diversas circunstâncias.

Ninguém sabe por que dizemos: “Não procure chifre de boi em cabeça de cavalo”. No entanto, a imagem é forte.

Que os *provérbios* são expressões populares é indiscutível, uma vez que são domínio de um povo, transmitem-se em situações informais e são tidos, até mesmo, como expressão da sabedoria popular. *La sagesse des nations* é a noção, sem dúvida, mais antiga e mais comum que se tem dos provérbios. Pretende-se ver nos provérbios a soma dos conhecimentos de um povo e a regulamentação do mundo.

Fernando Ribeiro de Mello questiona essas afirmações e declara que os provérbios: a) não são populares; b) são, em vez de sabedoria popular, a negação da sabedoria e da humana faculdade de pensar e de construir a linguagem e, logo, o saber; c) são sim a fixação de um *saber* com origem reacionária. (MELLO, 1974, p. 05)

Examinando as paremiologias, podemos chegar à conclusão de que os *ditos populares* se resumem em *fórmulas para evitar aborrecimentos*. Essa não é uma moral heroica, mas é sempre o mesmo bom senso, um pouco terra-a-terra que neles se exprime. Um dos fundamentos de sua autoridade é o longo uso. Em formas arcaizantes, transmitem conceitos estereotipados, das gerações mais velhas às gerações mais jovens; destinam-se à manutenção do *status-quo*. Texto e *hors-texte*, ponto de inserção no discurso de um, assim chamado, saber comum da coletividade que o utiliza, o provérbio aparece como o princípio da ordem por excelência, o primado do cultural sobre o natural.

Considerando-se o conteúdo, a autoridade do provérbio provém de uma alta generalização, onde se pode enquadrar, sem maiores explicações, a situação específica em causa. Sua lição deve ser extraída pelo locutor, personagem, ou porta-voz, que a emprestará ao contexto em que for empregado. Esse já-dito-por-todos fica à disposição de todos e o destinatário, tendo-o captado, pode, por sua vez, dele se apropriar.

Paul Zumthor, citando a *Retórica* de Isidoro, afirma que “a sentença é um dito impessoal, proposição *infinita* (não limitada a um caso particular), enunciada a propósito de uma questão *finita*, seja a título de prova, seja de ornamento” (ZUMTHOR, 1976, p. 321). Relaciona, ainda, a sentença aos enunciados legais, ou judiciários, que são, em princípio, aplicáveis a um número ilimitado de casos.

Podemos também relacionar as sentenças máximas, os provérbios, aos discursos político e religioso, uma vez que seu objetivo é converter o ouvinte às ideias do falante. Ainda segundo Paul Zumthor, na retórica medieval, o provérbio tinha a qualidade *auctoritas* e podia aparecer como exórdio ou como conclusão, relacionado à exposição em causa, de maneira indireta e contextual, não com referência a seu aspecto concreto; é um relato mínimo, despojado do singular e do individual, até a generalidade adaptável ao contexto, ou, ao contrário, gerando o relato que o ilustra. Colorindo o texto, ou sendo por ele colorido, o recurso ao provérbio, como à citação, destina-se a deixar o ouvinte sem réplica. Reconhece-se que um enunciado é um provérbio não por seus recursos formais (rima, aliteração, metáforas etc.), mas pela dominação do dito sobre uma situação a descrever.

O provérbio, assim como o clichê, o lugar-comum, aparece na literatura dramática, quando se quer caracterizar personagem não criativo, apegado ao que se tem por *certo* ou, pelo menos, *usual*.

Além da mudança de entonação, que torna o provérbio reconhecível como texto alheio ao falante, aparecem fórmulas de introdução para apresentá-lo, espontâneas, ou já consagradas (como diz o ditado, lembre-se do ditado, como diz o outro) O locutor tem consciência de que deve sublinhar a citação, eximindo-se, em parte, da responsabilidade sobre o dito. Também é comum, principalmente nas frases mais picantes, usarem-se as introduções – “Como dizia a minha avó” ou “como diz a madre superiora”, mesmo que o falante não tenha conhecido sua avó ou alguma madre superiora.

Entre os franceses, há o uso da fórmula *isto diz o vilão*, não para introduzir, mas para encerrar o provérbio, uma reminiscência dos

provérbios reunidos na antologia *Li Proverbe au Vilain* (antologia datada de, aproximadamente, 1175, composta de curtas histórias de fundo moral, cada uma em estrofes de seis versos, mais o provérbio, acompanhado da fórmula de encerramento que se tomou clássica: “assim diz o vilão”); são ao todo, seis manuscritos com 280 coplas e 285 provérbios, em *Proverbes Français Antérieures au XV Siècle*, de Joseph Morawsky (1925, p. III-XIV).

Carlos Drummond de Andrade (1983), comenta o hábito de introduzir provérbios, eximindo-se da responsabilidade, na crônica *O Outro*:

– *Como diz o Outro...* Porque nunca diz *Como diz a outra?* A outra não diz nada. Limita-se a ouvir o Outro, se é que ouve... (O outro) abona escondido, sopra ou insinua a sentença oportuna para que ela corra mundo sem que o Outro, pessoalmente, se comprometa. O Outro tem medo? Tudo indica que o Outro é cúmplice de quem diz: *Como diz o outro*. Fornece-lhes juízos, anexins, glosas para circunstâncias que requeiram este ou aquele enunciado. Mas pode ser também que o Outro seja senhor daquele que diz que ele disse. Senhor poderoso e incógnito – que manda seus súditos semearem pelo mundo aquilo que convém ser semeado, visando determinadas colheitas – de quê? Só o Outro sabe. (ANDRADE, 1983, p. 1413)

Enunciados genéricos, fixados em uma forma conhecida pelos falantes de uma comunidade, avalizados pelo longo uso, ocupam-se os provérbios em manter essa mesma comunidade tal como está, uniforme e imutável.

A esse respeito, encontramos na dissertação de Flora de Paoli Faria sobre *Giovani Verga*:

A leitura dos textos enfatiza a importância da cultura popular como manancial ao qual se deve recorrer na busca de motivos autênticos, originais... Muitas são as definições atribuídas ao termo folclore'. Dentre elas, por exemplo, a possibilidade de reconhecer o folclore como a expressão exclusiva das classes mais humildes. Ela se opõe ao parecer de pesquisadores alemães que afirmam ser o folclore pertinente a todas as classes sociais. Os conflitos inerentes à conceituação do âmbito folclórico se extinguem, quando entendemos que todos os aspectos do folclore são expressões de uma única força produtora, assinalada pela coletividade humana em seu contínuo movimento de conservação e desenvolvimento. O estudo do conjunto folclórico permite a percepção de vários ritos usados pelo homem para orientar-se em sua caminhada em busca do conhecimento (...) A utilização de provérbios é uma constante na produção literária não sendo utilizado unicamente como uma curiosidade folclórica ou dialetal. Os provérbios servem para destacar o peso da tradição popular no contexto regional. (FARIA, 1983, fl. 68-69)

Já observa Alexina de Magalhães Pinto, na introdução de sua coletânea, ditarem-se frequentemente os deveres com os iguais e com os superiores: "manda quem pode, obedece quem tem juízo". (PINTO, 1917 p. 12-21)

Não se mencionam os deveres para com os subordinados, para com o meio ambiente e para com a pátria.

Era comum, até cerca de cinco décadas atrás, obrigar os alunos a repetir e decorar os provérbios que apareciam nos livros didáticos, uma vez explicado o seu *significado*. Fazia-se a memorização, sem a consciência crítica.

2. *Os antiprovérbios*

Por mais valorizados e repetidos que sejam os provérbios, sempre haverá quem reaja contra eles. A particularidade aflora – "por que comigo tem que ser assim?" Não se podem assumir as consequências de escolha não tomada pelo indivíduo inteiro. Os juízos ultrageneralizados são relativos, valem enquanto podem nos orientar e não impedem nossa ação baseada neles.

É característico da vida cotidiana o manejo grosseiro do singular. Temos que organizá-lo, submergi-lo em alguma universalidade, temos que resolver o problema. Baseamo-nos nos precedentes, na imitação, no pragmatismo, no juízo provisório. Mas as formas de estruturar o pensamento não devem ser absolutas, devem deixar ao indivíduo uma margem de movimento e possibilidade de expressão. O contrário seria a alienação, que é sempre em relação a alguma coisa, mais exatamente em face das possibilidades concretas de desenvolvimento genérico da humanidade. O homem é levado a fazer o que se espera dele. Quem recusa seu papel é um rebelde, nem sempre um revolucionário; é um excêntrico, distancia-se, é, às vezes, banido. A completa identificação com o papel é a acomodação: enquanto for capaz de aspirar, nosso coração não será uma ficha.

Que não te despojem
De teu sentido inicial.
É fácil crer no que crê a multidão.
Fortalece teu entendimento
De um modo natural;
Difícil é saber
O que é diverso

(GOETHE, *apud* HELLER, 1972, p. 61)

Em relação às receitas prontas, aos estereótipos, trabalha-se os provérbios, parodiando-os, criando o que se poderia chamar de antiprovérbios. Essas paródias de provérbios (os antiprovérbios) formam-se

por deformações, corruptelas dos chamados provérbios populares. Montam-se pastiches ou trocadilhos em cima de uma frase de conhecimento geral de uma comunidade.

Desses, assim ditos antiprovérbios, já encontramos exemplo em Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais (1732-1799):

Basile – Tant va la cruche à l'eau...

Figaro – Ah! Voilà notre imbecile avec ses vieux proverbes. Eh bien! pédant, que dit la sagesse des nations? Tant va la cruche à l'eau qu'à la fin...

Basile – Elle s'emplit.

Figaro – Pas si bête pourtant, pas si bête.

(Le Mariage de Figaro, apud PINEAUX, 1963. p. 65)

Nas antologias e na observação diária, encontram-se outras criações de antiprovérbios:

- De grão em grão, a galinha prepara nossa refeição
- De onde menos se espera, daí mesmo é que não sai
- Quem com ferro fere, com ferro sara a ferida
- Quem com ferro fere, não sabe como dói
- Quando um não quer, o outro insiste
- Os últimos serão desclassificados
- Se Maomé não vai à montanha, é porque foi à praia
- Antes tarde do que mais tarde
- Quem dá aos pobres paga o motel
- Chega-te aos bons e corromperás um deles
- Depois da tempestade vem a ambulância
- A fruta não cai longe da árvore, mas um passarinho pode levá-la
- A esperança é a última que morre, antes ela nos mata
- O homem põe, o diabo come os ovos
- Quem ri por último não entendeu a piada
- Gato escaldado morre
- Abondance de chiens (em lugar de *biens*) ne nuit pas
- Chaque (em lugar de *chat*) échaudé craint l'eau froide

A alta incidência dessas desmontagens de provérbios leva-nos a indagar se a causa está em simples ludismo ou num espírito de rebeldia contra o já estabelecido, um a necessidade de inventar algo diferente do que se está acostumado.

Em Chico Buarque de Holanda, com seu poema musicado *Bom Conselho*, vemos diversos exemplos de questionamento da veracidade dos provérbios, de reação ao estabelecido. Transcrevemos, citando paralelamente, os ditos que lhe serviram de base, em sua forma conhecida.

Ouçã um bom conselho
se conselho fosse bom, ninguém dava, vendia
Que lhe dou de graça

Inútil dormir que a dor não passa.
dorme, que a dor passa
Espere sentado,

Ou você se cansa,
quem corre cansa, quem espera alcança
Está provado

Quem espera nunca alcança.
quem corre cansa, quem espera alcança

Ouçã, meu amigo,
Deixe esse regaço,
Brinque com meu fogo,
quem brinca com fogo se queima
Venha se queimar.

Faça como eu digo
, faça o que eu digo, não faça o que eu faço
Faça como eu faço,

Aja duas vezes antes de pensar.
pense duas vezes antes de agir
Corro atrás do tempo,
Vim de não sei onde.

Devagar é que não se vai longe.
devagar se vai ao longe

Eu semeio vento,
Na minha cidade,
Vou pra rua e bebo a tempestade.
quem semeia ventos, colhe tempestade

(*Apud* PERRONE, 1988, p. 08)

O eu-lírico se apresenta como uma voz contestando a *rã*, que deve ser imitada. Enquanto os provérbios, normalmente são fórmulas de pacificação padronizadas, nessa canção rejeita-se a aceitação passiva, a inércia, o

conformismo. Transgredindo-se as fórmulas linguísticas tradicionais, os valores da comunidade são transgredidos.

Na gradação, o verso final é repetido duas vezes – A modificação do provérbio é aqui mais forte e também se mistura a outra expressão popular fazer tempestade em copo d'água. Os verbos aparecem mais frequentemente na primeira pessoa, em lugar da terceira, que é o mais comum nos provérbios; a desobediência derrota a comodidade. A relação é intertextual, da composição moderna com a tradicional fraseologia popular.

3. *Considerações finais*

Na década de 80, observamos, na novela da TV Globo, *Mandala*, o personagem Toni Carrado, representado por Nuno Leal Maia, usar o mesmo recurso, deformar e parodiar os provérbios, adaptando-os, a seu bel-prazer, à situação em jogo, Em Toni Carrado, o efeito desejado era o da comicidade. O personagem, o contraventor simpático, teve em seus antipróverbios uma das chaves de sua receptividade junto ao público.

Todo trabalho da linguagem é assim presidido por duas forças: a herança passiva e cômoda do passado e a criação ativa, às vezes, revolucionária do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drumond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

FARIA, Flora de Paoli. *A estruturação do regionalismo em Giovanni Verga*. 1983. Dissertação (de Mestrado em Teoria Literária). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUIRAUD, Pierre. *Les locutions françaises*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

MELLO, Fernando Ribeiro de. *Nova recolha de provérbios e outros lugares comuns*. Lisboa: Afrodite, 1974.

MORAWSKY, Joseph. *Proverbes français antérieures au XV siècle*. [Paris]: Librairie Ancienne Édouard Champion Éditeur, 1925.

PERRONE, Charles A. *Letras e letras da música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Elo, 1988.

PINEAUX, Jacques. *Proverbes et dictons français*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

PINTO, Alexina Leite de Magalhães. *Provérbios populares máximas e observações casuais*. Coleção ICKS, Série F/ [s.n.e.], 1917.

ZUMTHOR, Paul. Lépiphonème proverbial. *Révue des sciences humaines*, Lille, 1976.